

O Renascer pujante: Escritas sobre o *folclore* Caririense entre as décadas de cinquenta e setenta do século XX

CICERA PATRÍCIA ALCÂNTARA BEZERRA<sup>1</sup>

Palavras-chave: Intelectuais caririenses – Folclore – Identidade regional

## 1. Operações de escrita, identidades inventadas

“Oásis do Sertão”. É com esse termo com que muitos narradores do século XX apresentam a região do Cariri cearense<sup>2</sup>. Nessa enunciação não se privilegia apenas a variedade e beleza de aspectos naturais, mas também a multiplicidade de práticas simbólicas vividas nos espaços rurais e urbanos da região. Neste sentido, é principalmente a partir da segunda metade deste século, que vemos surgir uma intensa necessidade de coleta e de investigação de um arcabouço documental que privilegia elementos considerados folclóricos (Grupos de Reisado, Bumba-meu-boi, Lapinhas, Pastoris, entre outros) que devidamente selecionados, contribuiriam para legitimação do Cariri cearense como um espaço cultural diferenciado, não apenas do restante do Ceará, mas também do Nordeste do Brasil.

No nosso entendimento, a constituição dessa memória oficial foi se tornando possível ao longo de mais ou menos um século (da segunda metade do século XIX até a segunda metade do Século XX) arquitetada por um conjunto complexo de narrativas que vão desde os relatos do naturalista fluminense Francisco Freire Alemão, o primeiro botânico brasileiro a

---

<sup>1</sup> Doutoranda em História pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento em Nível Pessoal – CAPES.

<sup>2</sup> A definição territorial do Cariri cearense sofreu algumas ressignificações no decorrer do tempo, decorrentes principalmente de aspectos políticos e econômicos, não apenas de parâmetros físico-geográficos. De acordo com alguns historiadores esta denominação está diretamente ligada à existência da etnia indígena conhecida como *Kariris*, que fora o primeiro grupo a habitar aquela região antes da colonização baiana e pernambucana da segunda metade do século XVII. Em decorrência de sua delimitação geográfica e de fatores sociais, culturais e econômicos, desde os primeiros tempos da colonização o Cariri teve relações muito mais intensas com os estados de Pernambuco e Paraíba do que propriamente com sua capital, Fortaleza. O que em muito explica os diferentes processos históricos que se viu palco. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, atualmente o Cariri cearense possui cerca de vinte e seis municípios distribuídos em quatro diferentes regiões.

visitar as terras cearenses, em 1859, até os escritos de intelectuais como José de Figueiredo Filho, Irineu Pinheiro<sup>3</sup>, esses últimos integrantes do Instituto Cultural do Cariri e personagens centrais de nossa trama historiográfica. Dentro dessa perspectiva, o universo de sociabilidades festivas e religiosas populares<sup>4</sup> encenadas de modo diverso no território do Cariri cearense foi, em meados do século XX, um *locus* de constantes construções representativas, efetuadas a partir do trabalho intenso de um corpo intelectual com propósitos que vão se (re) delimitando no decorrer do tempo.

Em 1958, a Revista *Itaytera*<sup>5</sup>, um dos principais meios de divulgação do pensamento regionalista no Cariri, traz impressa nas suas páginas, os escritos de J. de Figueiredo Filho sobre um momento muito esperado por alguns desses intelectuais caririenses:

*Renasce pujante o rico folclore Caririense - “Em outubro do corrente ano, o INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI completou cinco anos de existência bem fecundas. Inúmeros foram seus serviços prestados à região sul- cearense. Criamos o MUSEU DO CRATO, biblioteca e arquivo, dia a dia, mais se avolumam. É hoje o INSTITUTO o centro intelectual onde se abrigam os principais cultivadores da inteligência dessa zona e já é procurado pelos pesquisadores de fora, como a maior fonte de informações do vale caririense (...).*

A produção bibliográfica e intelectual do Instituto Cultural do Cariri surge aqui como um lugar de trânsito. Essa percepção parte do entendimento de que seus intelectuais, mesmo antes do instituto ser efetivamente fundado, foram os “precursores” de uma produção histórica caririense, construída na/pela janela do Crato, cidade que é o referencial neste contexto, o ponto que vai efetivamente nortear a construção de lugares de memória e também de esquecimento caririense. Como já havíamos informado anteriormente, essa produção histórica tinha como uma de suas fontes de pesquisa as descrições de alguns observadores que

---

<sup>3</sup> Farmacêutico de formação, José de Figueiredo Filho escolheria, no entanto, a escrita regionalista como sua principal vocação, tendo neste sentido, exercido a função de presidente do Instituto Cultural do Cariri - ICC de 1954 a 1973. Este também compôs a Comissão Cearense de Folclore, criada em maio de 1948. Entre seus diversos escritos sobre o tema da Cultura Popular caririense destacamos aqui *O Folclore do Cariri*, de 1960 e *Folguedos Infantis caririenses* de 1966, bem como textos publicados sobre o tema na revista *Itaytera*. Já o médico Irineu Pinheiro, foi o primeiro presidente dessa instituição e outro ávido narrador das tramas regionais. Em 1950 ele escreve *O Cariri – Seu descobrimento – povoamento – costumes* e em 1954 *Efemérides do Cariri*, só publicado em 1962. Nas obras de Irineu Pinheiro os aspectos *folclóricos* da região são visitados e discutidos de forma sutil, porém marcante, entremeados pelos acontecimentos considerados significativos de sua história.

<sup>4</sup> Concordamos com o historiador francês Roger Chartier ao indicar a necessidade de se problematizar de forma efetiva e dinâmica a utilização do termo popular, já que o autor se contrapõe a uma compreensão que parte do princípio de sua existência enquanto categoria a priori, o que ele vai indicar é a necessidade de se pensar nas apropriações que as práticas culturais realizam de diferentes formas, a despeito das representações que lhe são chegadas de dispositivos também diversos.

<sup>5</sup> Revista de publicação anual associada ao Instituto Cultural do Cariri-ICC.

“visitaram” essa região na segunda metade do século XIX e que construíram interpretações panorâmicas bastante peculiares.

A produção dessa cultura escrita estava veiculada à construção de um sentido nitidamente histórico e memorialístico ao passado heroico de um grupo reduzido de sujeitos,<sup>6</sup> e, a despeito disso, era reservado um papel coadjuvante a outros de participação anônima, porém, as tramas e as experiências destes últimos reaparecem entre as frestas e os intervalos dos referidos escritos. Até a efetivação desse discurso “folclorizante”, era a beleza morta<sup>7</sup> de um *folclore em vias de desaparecimento* que importava (re) apresentar. Tornava-se evidente nesse discurso *letrado*, essa preocupação em estabelecer um fosso entre a ação *moderna* voltada para a moda litorânea e as atrasadas manifestações do sertão cearense.

Em meados do século XX a empreitada de fazer *ressurgir* manifestações tidas como folclóricas, traz uma compreensão em primeira mão de que essas manifestações se encontravam num tempo-espaço remoto, aguardando o exato instante em que seriam “resgatadas” e dadas a ver pelo discurso de tais jornalistas e intelectuais. Nas narrativas desses sujeitos, encontramos as histórias que (re) contadas nas calçadas de suas casas por seus pais, parentes e vizinhos, traziam relampejos de construções presentes, de alguma forma, no imaginário caririense da época.

Assim sendo, algumas revistas como a *Itaytera*, por exemplo, surgem como privilegiados espaços de divulgação das representações imagéticas que aqui colocamos em evidência. Mesmo sendo de edição anual, a referida revista traz à tona, no período escolhido, debates em torno da eminente necessidade de um movimento mais efetivo em torno da valorização do Cariri enquanto *um lugar de destaque no mapa da pátria*, como nos evidencia o texto do então diretor da revista Lindemberg de Aquino, em 22 de maio de 1959. São também inúmeras as obras produzidas a esse tempo na/sobre a região que trazem no título ou no subtítulo a palavra Folclore. Por mais científicos que alguns desses escritos se autodenominem, lemos em algumas ocasiões, como nostálgicas e saudosas escrituras de tempos vividos em outrora. A infância torna-se um lugar privilegiado dessas narrativas.

<sup>6</sup> Estamos nos referindo particularmente a referência a “heróis” cearenses como José Martiniano de Alencar e Tristão Gonçalves, bem como a mãe destes, a pernambucana Bárbara de Alencar, que participaram conjuntamente da revolução Pernambucana de 1817 e da Confederação do Equador ocorrida em 1824. Os dois movimentos se relacionam pelo caráter republicano de seus objetivos.

<sup>7</sup> O termo *beleza morta* é aqui apresentado em referência ao que foi discutido pelo historiador Michel de Certeau, em *A cultura no plural*, onde o mesmo vai pensar a maneira com que determinadas práticas vão sendo “apreciadas” por folcloristas enquanto lugares que não representam perigo para os propósitos a que esses se empenham constantemente.

*Meus olhos de criança deslumbravam-se com a multiplicidade de côres do reisado, com os passos dos figurantes do bumba-meu-boi, com a música-de-couro, com elementos fardados, tendo na cabeça casquete com froco, chamado por todos de bolota, o qual, superposto na parte dianteira, se balançava ao menor movimento (...) Presenciei, embasbacado, a dança do reisado, com cavaleiros de côres berrantes, predominando o encarnado, e capacetes enfeitados de espelinhos e lantejoulas. Manejavam espadas de prateadas, tão solenemente compenetrados, que pareciam autênticos guerreiros medievais em refregas e torneios (FIGUEIREDO FILHO, 1960)*

Nessa perspectiva se fosse possível construir uma “divisão” cronológica de tais enunciações, encontraríamos entre as décadas de cinquenta e setenta do século XX um complexo processo de *ressignificação* dos discursos desses intelectuais sobre o que eles entendiam como folclore caririense. De símbolo de atraso, fanatismo, e em alguns casos de profanidade, essas práticas assumiram, a esse período, um papel de “destaque” no panorama cultural caririense, tornariam-se um dos símbolos identitários da região.

No Brasil de meados do século XX, o tema do folclore é objeto de algumas contradições. Em muitos territórios do país tal elemento ainda vai ser exposto como sinônimo de atraso e conservadorismo. Nesses, os sujeitos que se dedicavam a investigar tais manifestações, recebiam frequentemente o título de *diletantes*. Românticos avessos à modernidade emergente. Em contrapartida, em 1947 é organizada a *Comissão Nacional de Folclore*, com ramificações estaduais<sup>8</sup>, o que deu subsídio à criação em 1958, da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. Para alguns autores, essa iniciativa demonstrava uma última tentativa de legitimação do estudo do folclore enquanto campo intelectual estabelecido<sup>9</sup>. Era o último suspiro de um espaço em progressiva decadência.

---

<sup>8</sup> Em janeiro de 1948 Renato Almeida, um dos fundadores da Comissão Nacional do Folclore, envia para folcloristas dos diferentes estados do Brasil convites para a criação de subcomissões estaduais. Tal ação se constituiu como uma tentativa de estreitar laços em nível nacional e fortalecer, neste sentido, o interesse de fundamentação de uma ciência folclórica específica. No que concerne à Comissão Cearense de Folclore, esta foi criada em maio deste ano, um ano após a Comissão Nacional ter surgido e quatro meses depois do referido convite ser expedido pela comissão nacional. A produção acadêmica a respeito da atuação de tal comissão no cenário cearense é escassa, o que de certa forma dificulta uma análise mais aprofundada das suas relações com a Comissão Nacional, com outras comissões estaduais, bem como com as instituições caririenses que se preocupavam, no período escolhido, com os aspectos folclóricos da região, como o Instituto Cultural do Cariri, por exemplo. Informações retiradas do site: [www.comissaonacionaldefolclore.org.br/](http://www.comissaonacionaldefolclore.org.br/)

<sup>9</sup> Ver: VILHENA, Luís Rodolfo. Projeto e Missão: O movimento folclórico brasileiro (1947 – 1964) Rio de Janeiro: Funarte: Fundação Getúlio Vargas, 1997. 332p. : fot

Porém, no Cariri cearense desse tempo tal perspectiva se via em forte expansão, germinada principalmente através da ação desses intelectuais, que ajudavam a transformar as bordas geográficas em eficazes instrumentos identitários. No Cariri cearense desse período, houve um movimento intensificador dos estudos e da catalogação das diferentes manifestações culturais da região, bem como de sua divulgação através da participação desses intelectuais em congressos, seminários e na edição de revistas e livros sobre a temática. Por meio desses empreendimentos, tais homens fizeram circular uma série de ideias e percepções que contribuíram no processo de delimitação da categoria de folclore regional. Neste processo J. de Figueiredo Filho, Irineu Pinheiro, dentre outros, escolheriam determinadas manifestações culturais para se apresentarem como legítimas representantes das tradições e dos costumes locais, como símbolos de um passado que precisava ser lembrado.

Nessa região esses discursos identitários foram sendo fortalecidos entre o final da década sessenta e início de setenta. Neste último período vemos emergir de forma intensa políticas públicas voltadas para o crescimento da região por intermédio dos seus atrativos culturais. No nosso entendimento, existia uma intensão em intensificar o aspecto distintivo dessa região com relação ao restante do Ceará. Particularmente nesse período espalham-se nas páginas de jornais e de algumas revistas com a *Itaytera*, por exemplo, um conjunto de propagandas que apresentam para o futuro turista todas as possibilidades de *atrativos* que ele encontraria naquelas terras. “*Cariri: O grande Centro de folclore do Nordeste*” é o que escreve nessa revista em 1967, certo Francisco de Vasconcelos. Manifestações lúdicas como o Maneiro-Pau<sup>10</sup>, ganhariam a partir de então, importância para um conjunto bem mais amplo de sujeitos e instituições, pertencentes aos poderes públicos, a mídia local e ao universo do agenciamento turístico, que no início da segunda metade do século XX se via em expansão.

*Desde outubro de 1953, por ocasião das empolgantes festividades, em comemoração ao centenário de elevação do Crato à categoria de cidade, que o folclore caririense apareceu, com toda a sua pujança (...) Ainda existia certo ranço de preservação contra os folguedos que nasceram da vida anônima do povo simples, dos brejos e pés-de-serra. Mas, tudo foi contornado e vencido pela gente que lia e escrevia, na tradicional e progressista cidade do Crato (FIGUEIREDO FILHO, 1960)*

---

<sup>10</sup> O Maneiro - Pau se apresenta como uma manifestação coreografada a partir da formação de um círculo, ritmada pelo entrechoque de cacetes e pela repetição de determinados refrões. É predominantemente uma dança masculina. No Cariri essa manifestação vai se inserir em várias ocasiões festivas, como a festa de Santo Antônio de Barbalha, por exemplo. Excetuando os relatos de alguns intelectuais do período estudado, são escassas as referências bibliográficas a essa manifestação cultural de presença marcante no sul cearense.

Essa passagem coloca em evidência a “coincidência” existente entre a data cívica dos cem anos de elevação do Crato à categoria de cidade e a emergência desse folclore caririense como parte integrante de tais comemorações. O que nos faz novamente questionar sobre que tipo de memória histórica se estava a esse período querendo exaltar<sup>11</sup>, e de que forma esses elementos folclóricos contribuíram para a construção dessa reminiscência. Em maio de 1969, o jornalista Rubens Falcão, do jornal *O Globo*, ao escrever um artigo sobre a importância do historiador-memorialista J. de Figueiredo Filho no cenário *folclórico* caririense, retoma a existência de algumas manifestações reencontradas por aquele movimento rusticofólico do qual esse último fez parte.<sup>12</sup>

Entre as manifestações citadas pelo jornalista, estava o maneiro-pau, o bumba-meu-boi e as bandas cabaçais. “*Numerosos e riquíssimos são os motivos folclóricos da região estudada*”<sup>13</sup>, dizia ele. Nesse ínterim, o jornalista também não se esquece dos grupos de penitentes existentes na região nesse período e desfecha seu artigo com uma referência a esses homens, atrelando-os a laços representativos há muito já conhecidos dos caririenses “*motivos e mais motivos folclóricos descobriria nesse voo de pássaro sobre o livro do intelectual cratense. Mais fico por aqui, rezando o bendito dos penitentes*” e recita o referido bendito, em letra melancólica e expurgativa.

Observando essas escritas em conjunto, percebemos que tal movimento intelectual, mesmo colocando em cena um universo diversificado e complexo de manifestações culturais existentes no Cariri cearense na segunda metade do século XX, distribui estas em diferentes espaços, classificando-as dependendo do grau de importância que elas terão no cenário de construção da identidade regional, aspecto que os mesmos se dedicam a pensar. (...) *prestigiando-os cada vez mais e arrancando-os do anonimato e do esconderijo dos bairros modestos, dos brejos e pés-de-serras (...)*<sup>14</sup>, os intelectuais do ICC vão construindo uma

<sup>11</sup> Ver: VIANA, José Ítalo Bezerra. O Instituto Cultural do Cariri e o centenário do Crato: Memória, escrita da história e representações da cidade. Fortaleza, 2011. (Dissertação de Mestrado)

<sup>12</sup> O uso do termo rusticofólico é aqui utilizado como referência ao que é discutido por Michael de Certeau no seu capítulo *a beleza do morto*, onde tal movimento tece relações com a preocupação em compreender as práticas culturais que, afastadas de alguma forma temporalmente ou espacialmente dos sujeitos que as “investigam”, parecem pertencer a um universo rústico e exótico. Esse capítulo pertence ao livro *À cultura no plural*, já referido anteriormente.

<sup>13</sup> O referido artigo foi publicado na revista *Itaytera* em maio de 1969.

<sup>14</sup> Texto escrito por J. de Figueiredo Filho para revista *Itaytera* em 1958.

fotografia do Cariri cearense, entremeada de disputas, alianças e dissonâncias. O Cariri folclórico é “inventado” enquanto espaço de distinção.

### 3 . Considerações Finais

Ao deslocarmos os discursos desses intelectuais do seu ambiente *desencarnado*<sup>15</sup>, compreendemos que os mesmos se movimentam para além da organização formal das letras em livros, revistas ou jornais, que se vinculam a projetos políticos, sociais e identitários diversos. Entendemos, neste sentido, que os efeitos produzidos pelas letras dos intelectuais caririenses em questão, ajudaram no processo de *Invenção*<sup>16</sup> de um Cariri tradicional a partir da evocação de supostas raízes culturais, então “refletidas” em práticas *folclóricas* diversas.

Durante muito tempo a escrita desses sujeitos foi deixada de lado pela historiografia na justificativa de que se tratava apenas de colecionismos anacrônicos sem importância, de registros realizados por *diletantes* mal adaptados à modernidade que começava a adentrar o território caririense de seu tempo, sem o menor merecimento de uma análise mais minuciosa e problematizadora. Indo á contrapelo, entendemos que as narrativas desses sujeitos se fizeram possíveis pelo exaustivo trabalho de pesquisa, organização e análise do material coletado, bem como pela direta conexão com o que vinha se arquitetando em outros territórios. Suas escrituras nos ajudam a problematizar de forma efetiva a constituição imagética do Cariri folclórico, aspecto ainda muito vivo no discurso regional.

### Referencias Bibliográficas

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. A invenção do Nordeste e outras artes. Recife: FJN, Ed. Massangana / São Paulo: Cortez, 1999.

BARBOSA, Walter. *O Padre Cícero no folclore do Cariri*. Maceió: Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Alagoas, 1968.

BEZERRA, Cícera Patrícia Alcântara. *Outras Histórias: Memórias e narrativas da Irmandade da Cruz – Barbalha/CE*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em História da UFPE. Recife, 2010.

<sup>15</sup> Ver: CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

<sup>16</sup> Ver: HOBBSAWN, ERIC & Ranger Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

- CERTEAU, Michael de. *A cultura no plural*, Campinas, SP: Papirus, 1995. (Coleção Travessia do Século)
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- CORTEZ, Antonia Otonite de Oliveira. *A construção da “cidade da cultura”*: Crato (1889-1960). Dissertação (Mestrado em História Social - UFRJ). Rio de Janeiro, 2000.
- FIGUEIREDO FILHO, José de. *O folclore do Cariri*. Imprensa Universitária do Cariri, 1960.
- \_\_\_\_\_. *Folgedos infantis caririenses*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1966.
- \_\_\_\_\_. “Bandas Cabaçais do Cariri” In: SERAINE, Florival: *Antologia do Folclore cearense*. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1968.
- HOBBSAWN, ERIC & Ranger Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- MOTA, Mauro. *O folclore no Cariri*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1962.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo Brasiliense. 1985.
- \_\_\_\_\_. *Cultura Popular: Românticos e folcloristas*. São Paulo PUC, 1985.
- PINHEIRO Irineu. *Efemérides do Cariri*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1963.
- \_\_\_\_\_. *O Cariri: seu descobrimento-povoação-costumes*. 1950.
- PINHEIRO, Raquel. *As histórias da Comissão Científica de Exploração (1856) na correspondência de Guilherme Schuch de Capanema*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geociências. Unicamp. (2002).
- PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. 2.ed. – São Paulo: Contexto, 2006
- THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- VIANA, José Ítalo Bezerra. *O Instituto Cultural do Cariri e o centenário do Crato: Memória, escrita da história e representações da cidade*. Fortaleza, 2011. (Dissertação de Mestrado)
- VILHENA, Luís Rodolfo. *Projeto e Missão: O movimento folclórico brasileiro (1947 – 1964)* Rio de Janeiro: Funarte: Fundação Getúlio Vargas, 1997. 332p. : fot.